

OS DEZ ANOS DA CRIAÇÃO E PERSPECTIVAS DO PROFLETRAS EM REDE NACIONAL: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS

ENTREVISTA COM MARIA DAS GRAÇAS SOARES RODRIGUES

Maria das Graças Soares Rodrigues¹

Mônica Magalhães Cavalcante²


Silvelena Cosmo Dias³

Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento⁴




A professora Maria das Graças Soares Rodrigues é mestre em Letras, doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutora pela Universidade de Lausanne, na Suíça. Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Tem experiência na área de


¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: gracasrodrigues@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8295-358X>


² Universidade Federal do Ceará. E-mail: monicamc02@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>

³ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: silvelena.dias@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0002-6569-992X>

⁴ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. E-mail: celina.nascimento@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2939-722X>

● Informações completas no final do texto

Linguística, desenvolve pesquisas na área de Linguística Textual, Enunciação, Análise Textual de Discursos (ATD), interessando-se principalmente por gêneros discursivos/textuais acadêmicos, jurídicos, políticos e midiáticos, com foco em Responsabilidade Enunciativa (suposição e mediação), Relação Ensino de Gramática/Sequência ou Tipos Textuais, História do Português Brasileiro, Crítica Genética, Leitura e Produção de Texto Escrito. É membro do Projeto Análise de Textos e Discursos: Gêneros, Interação, Sociocognição e Ensino de Língua Portuguesa (PROCAD-NF/CAPEP). É coordenadora da IES Associada 1 (UFRN) do projeto "Língua portuguesa no ensino básico e superior: a partir dos gêneros textuais/discursivos do livro didático, acadêmico, jurídico e político às estratégias de textualidade da fala e da escrita" (PROCAD/CAPES, envolvendo USP/UFRN/UNISINOS). Coordena o Acordo de Cooperação Internacional entre a UFRN e a Universidade de Lausanne na Suíça. É líder do Grupo de Pesquisa "Análise Textual de Discursos" e diretora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Participou do Projeto Leitura e Escrita: cortes inter e multidisciplinares no ensino de matemática e português (Observatório da Educação/CAPES) e foi Coordenadora Geral do Mestrado Profissional em Letras/PROFLetras. É membro associado do Laboratoire CRTT (Centre de Recherche en Terminologie et Traduction) da Universidade Lumière Lyon 2. É membro da Rede Internacional de Pesquisa em Argumentação - REDIPAR. É coordenadora do Projeto Discurso Jurídico em Múltiplas Perspectivas: Investigações Internacionais PROJETO REDE EXTERNA.

Professora Graça Rodrigues, você teve um papel relevante como mentora e primeira coordenadora do PROFLetras. Poderia relatar um pouco sobre como começou o projeto do programa, em 2012, como foi pensada a proposta do curso, quais as vagas oferecidas no início, quais eram os regulamentos e como se deu o planejamento das disciplinas?

R. O programa de mestrado profissionalizante em Letras foi induzido pela CAPES. A coordenação da proposta foi do Prof. Dermeval da Hora. Havia representantes das cinco regiões. Havia região, como, por exemplo, a Sudeste, que tinha vários representantes, as universidades públicas e particulares estavam representadas. Concluída a proposta, o

diretor de avaliação disse que o programa iria apenas para as universidades públicas. Nas reuniões realizadas na CAPES para elaboração da proposta, observei que não havia uma universidade definida, então procurei a reitora da UFRN e a pró-reitora de pós-graduação, e elas se mobilizaram: procuraram logo o Prof. Dermeval da Hora, e logo os encaminhamentos formais foram dados. O regimento foi elaborado na UFRN pelo Prof. Rubens Maribondo e pela Profa. Fernanda Raffin, respectivamente Pró-Reitor titular e Pró-Reitora Adjunta de Pós-Graduação atuais. Para tanto, seguiram, naturalmente, as normas da CAPES e da UFRN, que seria e é a sede do PROFLeTRAS. As vagas foram definidas ouvindo-se as equipes de cada unidade do PROFLeTRAS; havia uma relação direta com a quantidade de professores. O professor era docente de um programa acadêmico? Tinha quantos orientandos? Dermeval da Hora explicava que o professor que estava em um programa acadêmico e no profissionalizante poderia ter no máximo 12 (doze) orientandos. Realizamos fóruns para planejamento das disciplinas. Havia a preocupação para se manter o mesmo conteúdo em todas as unidades. Isso foi muito importante porque estávamos implantando. Cada disciplina era coordenada por dois professores(as).

Como foi a implantação do PROFLeTRAS em outras Instituições? Que entraves vocês enfrentaram?

R. Houve unidades cujos coordenadores relatavam dificuldades no que dizia respeito à infraestrutura, mas houve unidades que os coordenadores contavam com total apoio, então isso variava entre as instituições. Naquele primeiro momento, outro entrave foi a não liberação do aluno que se encontrava trabalhando em sala de aula. Aliás, era um contrassenso, uma vez que o aluno era um professor em serviço, e a proposta do PROFLeTRAS previa que só podia ser aluno do programa quem estivesse atuando em sala de aula.

O entrave maior foi a questão do uso dos recursos. Inicialmente, os recursos ficaram na UFRN, mas depois foram descentralizados.

Você poderia comentar sobre o que representava, naquela ocasião, coordenar um programa que privilegia a formação de professores do Ensino Fundamental na Educação Básica (1º ao 9º ano), no ensino de Língua Portuguesa, em todo o território nacional?

R. Veja, a proposta do PROFLetras foi elaborada para todos os anos do Ensino Fundamental, mas o diretor de avaliação disse que seria para professores com formação em Letras. Isso implicou que seria aluno o professor que atuava do 5º ao 9º ano.

Coordenar o PROFLetras nacionalmente em sua implementação foi muito complexo e desafiador. Havia muita cobrança, às vezes, as exigências me revelavam que se tratava de desconhecimento, então eu precisava ser tolerante, ter muita paciência. Eu respondia uma média de 200 (duzentos) e-mails diariamente, nunca dormia antes de uma hora da manhã. Mas o mais desafiador foi fazer o primeiro relatório na Sucupira sozinha com um bolsista, isso abrangendo todas as unidades. Imaginemos 501 docentes, 1781 alunos, 49 unidades. Cancelei uma viagem de férias para os Estados Unidos. C'est la vie! Cumpri meu dever.

Que benefícios você acha que o programa do PROFLetras vem trazendo para a formação de professores?

R. Entendo que, quanto mais capacitado for o professor, melhor ele realizará suas atividades. O benefício é gigantesco.

Você acompanhou a formação de muitos colegas, também de alunos egressos. Quando soubemos que você ainda estava na ativa e muito atuante, ficamos emocionadas por sua dedicação e amor à profissão. Naquela época, enfrentamos, já no terceiro ano da implantação, algumas crises financeiras, enquanto, por outro lado, continuamos produzindo e formando melhor os professores. Assim, hoje, após dez anos, gostaríamos que comentasse sobre os novos rumos do PROFLetras para continuar transformando vidas. “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000).




R. A instabilidade das condições da educação no Brasil é lamentável, vivemos tempos melhores, tempos piores, precisamos ter a garantia do equilíbrio, a garantia das condições basilares. A educação precisa continuar transformando vidas, conseqüentemente, transformando a sociedade. A frase que vocês citam do Paulo Freire sintetiza a relevância da educação para a sociedade. Podemos dizer que o PROFLeTRAS está transformando o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, mas é um processo lento, porque ele precisa alcançar mais e mais professores em serviço, contemplar alunos.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA


Maria das Graças Soares Rodrigues. Mestre em Letras, Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutora pela Universidade de Lausanne, na Suíça. Atualmente é Professora Associada IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

E-mail: gracasrodrigues@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8295-358X>

Mônica Magalhães Cavalcante. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutora em Linguística pela Unicamp. Atualmente, é bolsista CNPq de Produtividade em Pesquisa nível PQ-1. Docente da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

E-mail: monicamc02@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>


Silvelena Cosmo Dias. Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/IEL. Professora-Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLETRAS), do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLeTRAS) e do curso de graduação em Letras.

E-mail: diascosmo@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-6569-992X>

Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa/UNESP-Araraquara (2003) e Pós-Doutora em Linguística Aplicada/UNICAMP, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria José Coracini, com bolsa do CNPq (2012). Líder do “Grupo Sul-mato-grossense de estudos da linguagem, discursos e identidades de crianças/adolescentes e adultos em situação de exclusão: escrita de si”, membro da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) e do GT “Práticas Identitárias em Linguística Aplicada” /ANPOLL. Desde 2018 integra o grupo de líderes do eixo da Educação da Associação Integra Costa Leste MS. Professora permanente Associado/Pesquisador Sênior (voluntário) no PPGLETRAS e PROFLETRAS–Rede Nacional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, MS, Brasil.

E-mail: celina.nascimento@ufms.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2939-722X>